

OUTRA VEZ O ALENTEJO: CARDOSO PIRES E AZINHAL ABELHO

O fundo humano do Alentejo continua tema literário abordado das mais diferentes maneiras. O neo-realismo tornou-o ambiente propício para a elaboração das suas histórias um tanto estereotipadas: os problemas sociais que essa província apresenta podiam valorizar um romance, até quando hipoteticamente o seu autor era escasso de génio. Por um lado, houve mais quem se consciencializasse desse desencontro social e de uma miséria imerecida. Mas por outro, salvo raras e válidas excepções (alguns romances, não todos, de Alves Redol, outros de Faure da Rosa e outros de Fernando Namora), a invasão do social fez-se de tal ordem na literatura, isto é: sem expressão autenticamente literária, que só prejudicou uma escola e os seus defensores.

Vencida a voga neo-realista, o Alentejo é visto menos como tema narrativo e mais como tema humano. Antes, lá andava, sem dúvida, o homem, mas um homem que agia e reagia pelo esquema social em que o romancista o enquadrava. Hoje já se podem descobrir outras preocupações, embora a deformação operada pelos excessos neo-realistas ainda se imponha. A versão portuguesa do existencialismo encontraria naquele homem isolado do Alentejo um tema também propício: será esse homem tema propício para tais variantes literárias por ser desse meio ou por ser homem? Ainda o não tentou, embora *O hóspede de Job* possa considerar-se um livro síntese do que até hoje se foi escrevendo sobre o homem complexo que moureja ou caminha pelos horizontes abertos e silenciosos do Alentejo.

José Cardoso Pires, já conhecido de outras andanças literárias, especialmente pela novela *O anjo ancorado*, teve um ambiente de expectativa em torno da publicação de *O hóspede de Job*: aparecia, quase simultânea com a primeira edição portuguesa, a tradução italiana. Ignora-se (ou não se fala) da aceitação que esta encontrou, mas para o regionalismo português isso era um factor importante. O que não diminui em nada o valor que este romance tem na actual ficção portuguesa, nem a justiça da atribuição do *Prémio Camilo Castelo Branco 1963/1964*, para além das críticas que sempre merecem as atribuições dos galardões literários.

Trata-se de um romance quase directo. O autor não se prendeu a divagações tanto do gosto português. Recolheu as personagens no meio, acompanha-as nas suas andanças, à mercê dos sonhos e das necessidades, vai contando o que acontece, com simplicidade, com o mínimo de palavras. A história fica despida do carácter grandiloquente que sempre teima em persistir nas versões portuguesas do romance, é uma narrativa vulgar, com gestos humanos, uns belos, outros censuráveis. Seria fácil cair-se na monotonia, mas Cardoso Pires soube dar movimento à acção, socorrendo-se para isso da mudança de ambientes, pelas andanças de Tio Aníbal e de João Portela.

Conta-se uma história e mais nada. Essa história brota natural, tem as suas peripécias, há paisagem natural e outra humana, que proporciona diálogos, encontros e desencontros. Busca-se trabalho aqui e mais além, busca-se calor familiar e humano e, se trabalho não há, ao menos existe algum calor humano, pelo menos após a desgraça: o típico calor humano português vem sempre após as desgraças. As duas personagens centrais da história, acima mencionadas, quase não sabem protestar: seguem em frente, a certa altura reconhecem-se responsáveis um pelo outro, eles que eram quase estranhos e abalaram por motivos muito diferentes, como

diferentes são as idades, e regressam. Não se diz se vêm mais ricos ou mais empobrecidos: há alegria no regresso e na contemplação das obras para desobstruir o poço.

Literariamente, trata-se de um romance sóbrio, variado, certo. Mas se se pede à literatura mais alguma coisa do que mera arte, *O hóspede de Job* apenas insiste numa narrativa do humano preso quase fatalmente ao chão, onde afinal a miséria e o sofrimento, como a desilusão ou frustração surgem diariamente. Há um peneireiro que a certa altura desenha arabescos no espaço livre: todos olham para ele, discutem-no até, mas continuam com os pés no chão. Afinal, do alto nada vem, o alto é, quando muito, domínio dos pássaros. *O hóspede de Job* é mais um tipo de arte que tenta a perfeição e até a atingência do humano, mas que ignora toda e qualquer espiritualidade ou transcendência. É um romance do homem da terra e na terra.

Leitura para adultos.

* * *

Diferentes em tudo são as crónicas poéticas e humanas que Azinhal Abelho apresenta em *Os da Orada*. A própria frase mereceu um cuidado que lhe facultasse a expressão do regional sem deformações: se ganhou em colorido, nem sempre é maleável, corredia, tem asperezas e pausas forçadas para saber o que se quer.

Compete, sem dúvida, aos bons escritores dar ao regionalismo um carácter literário. Os folcloristas encantam-se com o inédito popular como tal e assim o conservam. Os escritores sempre usarão da palavra em si. Uma e outra podem ser belas, mas não é essa a beleza intentada, essa pertence ao puro folclore, que nem é interpretação social ou antropológica: esta interpretação faz-se através do folclore, sem em ele se demorar, antes buscando o que se esconderá ou se revelará sob essas palavras, essas frases, essas lendas, quadras ou romances populares. O escritor, que no regional busca o homem de sempre, saberá agir como folclorista para recolher o típico e explicativo. Também procede como sociólogo ou antropólogo, mas ultrapassa o limitativo de um e a aridez do outro para apresentar um conjunto harmónico, belo e com não menor profundidade.

Foi entre nós e ultimamente Aquilino Ribeiro quem deu ao regionalismo um carácter literário, em que os abusos se justificavam pelo valor literário e artístico do romancista. Mas também aqui Aquilino estabeleceu escola e, como sempre tem acontecido, não chegando os discípulos aos calcanhares do mestre, surgiram arremedos de arte que impressionam só os incautos.

Azinhal Abelho esforçou-se pela síntese atrás enunciada e em alguns dos seus trechos conseguiu-a. Podemos afirmar que a conseguiu no conjunto da obra, já que os momentos em que se ficou apenas como autor regional são poucos; captando a beleza de um meio, apresentou-a como beleza em si que ocasionalmente se realizou historicamente nesse meio. Sensível, soube apreender a vida como era e comunicá-la com movimento, graça e pureza.

É esta talvez a nota mais nítida de *Os da Orada*: pureza, azul para além da lama, poesia real, sonho de aurora, até quando a noite se espessa. E isto foi conseguido sem imolações fantasistas a um cor-de-rosa fácil: é uma vida autêntica aquela que vivem as figuras daquele recanto alentejano, que no livro não sofre-

ram muito com a transplantação artística: a arte inegável de Azinhal Abelho revela-se até no juntar literatura com vida ou no apresentar a vida em literatura.

Quase todos os escritores, que ao Alentejo têm dedicado a sua atenção, são unânimes em salientar, directa ou indirectamente, o sentido místico da paisagem e dos homens. Mas esse misticismo surge muito preso à terra, de que se foge apenas pelo sonho, numa aceitação fatalista de que não há outra saída. Isso pode verificar-se também em *O hóspede de Job*, atrás estudado. Ora Azinhal Abelho apreendeu esse misticismo, mas descobriu-lhe horizontes mais vastos: o alentejano não aparece em *Os da Orada* como um ser condenado pelas contingências de uma província e de um povo em que muitas raças se cruzaram; como outro homem qualquer, atira os olhos para cima, os braços para longe, os olhos encontram horizontes abertos e os braços alguma coisa em que tocar. A religiosidade não aparece neste volume como coisa vaga, vestida de um paganismo islâmico; antes tem a marca cristã, de um cristianismo nem sempre bem vivido nem entendido, mas real e evidente. Com excepção de um único caso, em *Os da Orada* esse cristianismo surge de acção, das personagens, como algo que se vive ou a viver-se.

E esta parece uma conclusão género meditação que tal livro apresenta: o cristianismo no Alentejo continua latente, talvez sob cinzas frias ou sob extractos antigos; a missão não poderá nunca recorrer a processos de inovação, mas antes deverá descobrir esse fogo ardente sob as cinzas ou os extractos; estes não são realidade, apesar do que tantos escritores têm teimado em apresentar, mas mero acidente que, uma vez removido, mostrará que a religiosidade alentejana não é vaga, indefinível, mas possui a marca cristã. A tal remoção é que tem de ser estudada e pensada. Vale a pena, neste sentido, recortar umas frases deste livro:

« Este senhor prior é novo e do Alentejo. Poucos padres são nossos comprovincianos. Talvez por isso seja criatura de estimação. Sabe o que é um monte, uma folha de seara, não fala com chs e diz, à nossa moda, pêto, lête e quêjo.

...O senhor prior compreende esta gente que é pobre e não é má. É um bom padre. Os sermões são falados, não grita nem faz entoações eruditas. Para quê? Não o compreendiam.

É um bom padre, repetimos. Vem de moto todos os dominogs, da parte da manhã. Até traz, às vezes, na sua companhia o rapaz da vila, que vem fazer o mercado de bolos em troca de ovos».

Leitura para todos.

Z A C A R I A S D E O L I V E I R A